

## 3x4: poesia à beira do abismo

Italo Moriconi Jr.

UERJ-LETRAS

*FREITAS FILHO, Armando: 3x4 Nova Fronteira,  
Rio de Janeiro, 1985.*

Armando Freitas Filho é um poeta que tem o que dizer e sabe como fazê-lo. É por isso que seu nome está se tornando mais e mais conhecido pelo público leitor de poesia. A literatura brasileira tem vivido um momento marcado pela recuperação do fazer poético enquanto arte de elaborar *em versos* um discurso mais por imagens que por conceitos. Este discurso, porém, para ser capaz de seduzir o público atual, deverá ser fragmentário, sintético, nada verborrágico. O poeta adequado aos tempos que correm tem que ser ao mesmo tempo hábil no manejo do verso e mestre na utilização do poema curto. Em *3x4*, seu mais recente livro, Armando consegue as duas coisas.

Quanto à habilidade demonstrada no versejar, não chega a ser novidade em se tratando deste poeta. Isto sempre o distinguiu entre seus companheiros de geração. Armando começou nos anos 60, ligado aos movimentos de vanguarda formalista (em seu caso, ao movimento de poesia *praxis*). E afirmou-se no decorrer dos 70, trabalhando em faixa própria, paralela à produção da chamada geração marginal, da qual sua obra se diferenciava pelo apuro artesanal e pela disciplina formal herdada da primeira filiação vanguardista. Em compensação, a mitologia anti-intelectualista e o combate que os marginais opuseram ao objetivismo lógico-matematizante das vanguardas formalistas, acabaram por influenciar a dicção poética de Armando, que assumiu como tema forte o problema da vivência pessoal: é o que se pode verificar nos dois livros anteriores a *3x4* — *À Mão Livre*, de 1979 e *Longa Vida*, de 1982.

Em *3x4*, o que há de novo em relação aos livros anteriores é a firme opção pelo poema curto. Não há neste livro a menor

concessão à fruição auto-complacente das cascatas de imagens e/ou palavras. Na obra anterior de Armando, às vezes acontecia o poeta resultar cheio de entulho — excessivo e redundante, talvez no afã de escrever-se por inteiro. Aqui, ao contrário, a estratégia é somente a da concisão, da depuração, da precisão no detalhe. Há um sujeito que se escreve, e este é o motivo central do livro, mas é sempre um sujeito dado parcialmente, incompleto e fragmentado. Sujeito representado e, no entanto, inalcançável — como num retrato 3x4.

O livro compõe-se de cem poemas, distribuídos em igual número (25) por quatro seções, intituladas ENTRE, DURANTE, DEPOIS e ANTES. Há portanto um esforço de simetria delimitando o jogo da fragmentação: persistência do rigor lógico que Armando preserva da tradição formalista. No conjunto constituído pelas quatro seções, os poemas respondem uns aos outros e os temas articulam-se entre si coerentemente do começo ao fim do livro. Mas o tipo de articulação temática operado por Armando não se fecha em torno de um sentido único e global. Se assim fosse, estaria anulado o rendimento poético trazido pela estratégia fragmentária adotada. A simetria buscada em 3x4 obedece à lógica da *série*, na qual as imagens, ao serem retrabalhadas, são também invertidas. Como num jogo de espelhos.

Espelhos. Com efeito, o sentido de *retrato* — imagem inaugural do jogo serial proposto em 3x4 — é ampliado logo nas primeiras linhas do poema de abertura: *Em si mesmo/ como espelhos, lagos/ polaróides/ com revelações instantâneas/ feito um fil-*

*lhos, lagos/ polaróides/ com revelações instantâneas/ feito um filme, fita (...)* Num outro poema, o poeta qualifica-se de “repórter de si mesmo”. Verificamos que este reportar-se, este dizer-se pelo escrever, oscila entre a auto-reflexão narcísica (“espelhos, lagos”) e as momentâneas e ilusórias (“feito um filme, fita”) revelações em polaróide. Entre a prisão no *si-mesmo* e a tentativa de fixar o infixável (o intante), a aventura da palavra: eis aí alguns dos termos básicos que, enfatizados na primeira seção, definem também, em última instância, o arcaço geral de 3x4.

Observemos que os títulos das diferentes seções produzem dois pares de oposições: ENTRE/DURANTE (1ª e 2ª seções) e DEPOIS/ANTES (3ª e 4ª seções). Por sua vez, estes dois pares contrapõem-se, por assinalarem duas diferentes perspectivas do *tempo*. Cada um desses pares indica certo modo de re-

cortar, de tematizar, de perceber o tempo. Como termo constante, *tempo* traz a idéia de transitoriedade. O dizer poético constrói seus próprios eixos, mas o que poderia constituir seu centro é dado como instável, não-fixo: *Entre/aqui é antes/ou o que ficou até tarde/ na frente, diante/ do espelho e não passou além/ ficou no meio/ do instante, lá fora/ à toa, ao tempo, a esmo/ no mesmo lugar/ pisando as asas do tapete voador/ para não se perder, e acabou no ar/ adiado/ na véspera, durante, s/d.* Neste poema, as noções de tempo fundem-se com as de lugar. Mas o lugar do poema (“aqui”) é um não-lugar, um entre-lugar, em que o vivido cristalizou-se num auto-retrato passado ou perdeu-se no meio do instante.

Se o dizer poético é aspiração irrealizada, o viver está sempre aquém ou além da possibilidade de dizer. Configura-se o *vazio*, ponto de fuga no desenho poético de  $3 \times 4$ . Mesmo o viver, posto como intuição de um horizonte de plenitude frente ao plano do sujeito e do seu esforço por expressar-se, ao ser tematizado mais de perto, na 2ª e na 3ª seções, apresenta-se como contraditório, cindido, produtor de negações em série.

Por si só, dizer é indicar a impossibilidade de atingir a plenitude. A poesia de  $3 \times 4$  reitera quase obsessivamente o caráter fraudado, lacunar e insuficiente do dizer: *Diante de mármore/ e espelhos/ que sempre esperam/ mesmo quebrados/ Tudo tão magro/ e feito a esquadro./ Entre álgebra e fábula/ o meu sangue sabe mais/ do que este livro conta.*

A linguagem poética (ou seja, o esforço do sujeito em dizer-se) gira entre aspiração e nostalgia. Por isso representa um salto para o abismo e para o nada. A imagem poética nada mais é que miragem: *eu atiro, com balas perdidas/ no alvo/ na miragem que ainda não veja/ e o que cai, é porque fracassa.* A linguagem poética se realiza no vértice do fracasso de sua ambição. Sua ambição: conquistar a plenitude da essência. Sua realização: *viva vã estátua no vácuo/ contra o fundo infinito/ sem assinatura?*